

IMPOSSIBILIDADES DO DESEJO – ALGUMAS ANOTAÇÕES

Everaldo Soares Junior

De início, pensamos que sempre que falamos a palavra desejo procuramos substantivar essa palavra e, muitas vezes, adjetivá-la. Impossibilidades, talvez. Falar do campo puro do desejo seria possível? Falamos sempre a problemática do desejo, a errância do desejo, o desejo sexual, o paradoxo do desejo, desejo destrutivo, desejo insatisfeito, entre outros. Não estaríamos fazendo um reconhecimento do desejo no campo do outro? O próprio desejo quer, antes de tudo, ser reconhecido.

Impossibilidades, como falar do impossível, efeito do real que se entrelaça a outras dimensões.

Começamos com Freud. Já no século passado, na última década, com *As Psiconeuroses de Defesa*, com *O Projeto de 1895* e sobretudo com *A Interpretação Dos Sonhos*, de 1900, Freud vem a situar o que seria o desejo. O sonho seria a realização de um desejo, mas essa realização seria alucinatória, ou melhor, uma produção alucinatória de imagens e sons. O sonho não é o desejo. Freud nos diz que o sonho não é uma mera representação, mas uma experiência da alma, um evento verdadeiro e real.

Se o desejo é alucinatório ele estará articulado enquanto produzido na fantasia, no fantasma. Então procuramos saber a construção desse fantasma. O fantasma que seria uma unidade imaginária, um cenário, em cuja cena o desejo do sujeito é articulado ao significante, à linguagem., sob a égide de uma insistência que vem de fora. Teríamos assim, na constituição do fantasma, as dimensões do real, do simbólico e do imaginário.

Lacan situaria o desejo no campo da falta, o desejo absoluto enquanto pura perda, falta.

Lendo o seminário *As Formações Do Inconsciente* encontramos uma citação de Lacan sobre um personagem mitológico grego chamado Tântalo. A imagem de Tântalo

seria associada ao desejo de um obsessivo, sua oralidade e seu fantasma. Pesquisando a história em uma das várias versões existentes, Tântalo, filho de Zeus, participava dos festejos e banquetes divinos. Um dia Tântalo revela aos mortais o segredo do néctar e da ambrosia dos deuses e, como castigo, é condenado ao suplício de viver imerso nas águas até o pescoço mas quando sentia sede as águas afastavam-se dele. Acima de sua cabeça permanecia uma árvore frondosa, carregada de frutos, quando sentia fome os ramos da árvore encolhiam-se afastando os frutos do seu alcance. A possibilidade de desejar trouxe a Tântalo o afastamento dos objetos do seu desejo, restando-lhe assim uma insatisfação.

Uma afirmação lacaniana é que o desejo é sempre o desejo do outro e se há alguma satisfação, ela é imaginária. A histérica procede assim respaldada por suas identificações especulares, mas o obsessivo, indeciso, contraditório, desvaloriza o seu objeto e seu desejo fica também insatisfeito.. O desejo é comum a todas as neuroses e fundamentalmente um desejo que é, antes de tudo, desejo do desejo do outro.

Lacan diferencia o desejo das exigências da necessidade e também da demanda de amor. O desejo fica aquém demanda

Em outra versão, Tântalo imola seu filho Pélope e serve aos deuses sua carne como iguaria. Zeus enfurecido condena Tântalo ao inferno. Uma lei já existiria: não matar o filho e lembramos que Zeus mata Cronos, seu pai, salvando a si mesmo e a seus irmãos da fúria do pai. A morte do pai instaura uma lei, uma interdição.

O objeto do desejo e o objeto causa do desejo

Se o objeto se produz no campo do outro, se constitui como uma construção imaginária. Essa imagem é uma imagem corporal, um corpo imaginário, totalizante, mas não completo. O que falta a essa imagem, o que não é registrado, é um resto – uma parcialidade que causa o desejo, o objeto a. Enquanto parcialidade e causa do desejo, guarda uma relação com as pulsões parciais, pulsões de morte. A morte, o mestre absoluto, como diria Lacan a partir de Hegel.

Uma vez ouvi de alguém o seguinte discurso: “ na sessão da semana passada notei pela primeira vez as listas de sua camisa. Saí daqui tomada de uma agonia e fui direto a

uma loja, na vitrine vi camisas de listas parecidas com a sua e tive vontade de comprá-las para lhe dar de presente, mas não comprei. Hoje vejo você de camisa branca e lhe peço que use a camisa de listas, se não fizer isso, onde encontrar você com a camisa de lista, rasgo a camisa, jogo no chão, piso, faço dela uma estopa”. Seria uma parcialidade que estaria causando o desejo?

Em outra ocasião, numa entrevista preliminar, ouvi o seguinte discurso: “ Vim aqui porque minha noiva mandou, vou casar e sempre que isso vai acontecer, pois já fui noivo várias vezes, fico inseguro, angustiado e cheio de dúvidas, vou-me embora e não caso. Estou ficando velho e tenho medo da solidão, mas hoje acho que minha noiva não é mais bonita e nem tão atraente como achava há algum tempo atrás. Da minha vida posso lhe dizer que meu pai morreu quando eu tinha 16 anos, daí comecei a trabalhar pelo interior, de cidade em cidade, até a capital, para sustentar minha mãe e meu irmão, sou arrimo de família”. Na segunda entrevista me fala “ é um sonho muito estranho que sempre volta, é Nossa Senhora das Neves segurando a minha mão, acordo nervoso e N. S. das Neves é minha madrinha de batismo”.

Um desejo destrutivo é muito provavelmente o desvalorizar de sua noiva. Quando se aproxima o casamento ela já não é mais para ele, nem bonita e nem tão atraente e o seu desejo passa, ficando a insatisfação.

Às vezes o desejo constrói vários objetos imaginários no campo do outro para serem destruídos. A construção desses objetos é feita à semelhança do desejo do sujeito. Enquanto semelhantes, poderíamos dizer, parecidos, fraternos. A briga, a agressividade entre irmãos, ou mesmo o fratricídio guardam uma disputa em relação ao desejo da mãe. Ser ou não ser reconhecido como o falo da mãe. Falo, significante privilegiado do desejo. Poderíamos também entender essa disputa como uma tentativa de manter à distância o desejo do pai, o diferente que inscreve uma pura perda, falta.

Lacan nos lembra no seminário R S I que o desejo é o inferno, o inferno da falta.

